



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

27 de março de 2018

Notícias do Dia Capa e Imprensa "O fantasma das fake news"

O fantasma das fake news / Credibilidade / Mensagens falsas / Mídias sociais / Aplicativos / Internet / Professor / Pós-Graduação em Jornalismo / UFSC / Rogério Christofolletti



6/7. Imprensa NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, TERÇA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 2018

O fantasma das fake news

O Notícias do Dia publica nesta semana série de reportagens para discutir o impacto das notícias falsas e como combatê-las

ALEXANDRE GOLÇALVES
Especialista para o Notícias do Dia

Recente pesquisa com leitores brasileiros a respeito do consumo de notícias online mostrou que metade dos entrevistados admitiu já ter tomado decisões baseadas em informações falsas. Realizada via internet pela agência de checagem Aos Fatos, entre 26 de janeiro e 28 de janeiro, a pesquisa ajuda a entender a relação entre a forma de acessar notícias na internet e a expansão das chamadas fake news. De acordo com os dados coletados, um terço dos entrevistados nunca ou raramente questiona a veracidade de notícias nas redes sociais. Por outro lado, 33,8% disseram consumir informações diretamente em redes sociais ou aplicativos de mensagem.

A pesquisa recebeu respostas de 805 pessoas, com idade entre 18 e mais de 65 anos (veja box). "Os dados que reunimos indicam que as pessoas estão atentas para o conteúdo falso disseminado nas redes", diz a jornalista Tai Nalon, diretora-executiva e cofundadora da Aos Fatos. "Mas isso não significa que elas cheguem sempre as informações que recebem pelo Facebook ou pelo WhatsApp". Na avaliação da Tai, as pessoas sabem que existe conteúdo não confiável nas redes sociais. "Desconfio que as pessoas querem conseguir informações de credibilidade, não sabem como, mas sabem que é necessário", diz.

Uma das formas de contribuir para reverter esta situação, para Tai, é tratar do assunto constantemente. "Se a gente dá ferramentas para elas mesmas checarem as informações pela internet, eu acho que vamos conseguir combater de modo mais efetivo esse problema das fake news", diz a jornalista. E é o que está acontecendo no Brasil e em toda o mundo, como nos Estados Unidos desde a eleição do

presidente Donald Trump, cercada ainda hoje de desconfiança em torno da atuação de criadores e propagadores de notícias falsas. Por aqui, as fake news têm sido tema de discussão em diversos setores da sociedade. Na imprensa, entre formadores de opinião, no Senado e no Tribunal Superior Eleitoral. Este último, de olho nas eleições deste ano, criou um Conselho Consultivo com diversas entidades para tratar do assunto e preparar ações com cartilhas para orientação dos juizes eleitores.

WHATSAPP. Tudo isso gira em torno do alcance que as fake news vêm obtendo. Mesmo em situações de menor impacto, como compartilhando uma foto de um lugar como sendo de outro, é possível perceber a forma como os usuários de redes sociais como Facebook agem. Mas a professora, pesquisadora e especialista em mídias sociais da Universidade Federal de Pelotas, Raquel Recuero, afirma que o alcance de uma fake news depende sempre do tipo de notícia e da plataforma usada. "No WhatsApp, por exemplo, as pessoas tendem a compartilhar mais informações no estilo 'corrente', mais personalizadas", diz. "Muitas vezes mesmo sem certeza se a notícia é verdadeira, acabam divulgando em suas redes 'pelo sim ou pelo não'".

Raquel destaca que as informações falsas que circulam em aplicativos como o WhatsApp, com mais de 1,3 bilhão de usuários ativos no mundo, costumam vir sempre agregadas de algum sentido de urgência ou recompensa pelo engajamento. Expressões como "Compartilhe com todos os seus amigos", "Cuidado!", "Se chegamos a um milhão de pessoas, poderemos fazer a diferença" são usadas com frequência e com uma linguagem mais personalizada. Já no Twitter ou no

Facebook, segundo Raquel, as pessoas tendem a compartilhar mais informações com as quais concordam, sem muitas vezes ler a informação por inteiro. "Compartilham apenas pelo título ou simplesmente porque outra pessoa compartilhou", conta a pesquisadora.

As notícias falsas assemelham-se a notícias verdadeiras e partem de sites ou fanpages com nomes que remetem ao padrão usual de veículos de comunicação como Folha Política, Plantão Brasil, Falando Verdades, Política na Rede, Jornalivre, Pensa Brasil e Notícias Brasil Online, conforme levantamento da Folha de S.Paulo. Raquel Recuero diz que as fake news trazem título impactante e, muitas vezes, opinativo e até sem relação com a matéria, junto com algum link que se assemelhe com um veículo de informação tradicional. As fake news são, em sua maioria, notícias chamativas, com conteúdos curtos e afirmações fortes. Estas notícias visam claramente mexer com as emoções do leitor de tal forma que ele passe a acreditar em seu conteúdo de forma inquestionável. "Em alguns casos, inclusive, a notícia falsa é baseada em uma informação verdadeira", diz.

A metodologia do fake news

- Para a professora e consultora Luciana Manfroi é possível implantar mecanismo que impeça a publicação de notícias falsas. Mas é muito difícil desmantelar a cadeia de agentes que envolvem as fake news. "São muitos os envolvidos, cada qual com suas ações", diz. E há a metodologia da fake news, como explicada Luciana:
- Existe o agente que paga a conta, um agente financeiro que indica ao criador, que adquire um aparelho (celular, computador, modem, etc) no mercado paralelo, que não se consegue rastrear o IP, abre locais para publicação de conteúdo (locais ponto com, onde se consegue não haver o registro de quem se inscreve na conta, como, por exemplo, o WordPress). Em seguida, entra em ação o produtor de conteúdo, que publica as notícias falsas no blog e, por fim, o disseminador, que impulsiona patrocinados nas redes sociais, com cartões pré-pagos, em que não se pode localizar o proprietário, até ser compartilhado pelas pessoas da rede.



Objetivo, motivação e prejuízos

■ O objetivo de um criador de fake news é convencer o usuário a replicar a publicação, mesmo que não tenha certeza de sua veracidade, lembra Raquel Recuero, para "dar volume" em compartilhamentos, curtidas e comentários como forma de dar credibilidade. Para isso, além da linguagem, é comum o uso de estratégias que ajudam a impulsionar uma notícia falsa como o uso de robôs (bots) e perfis falsos.

"Quem cria fake news tem plena consciência da inveracidade dos fatos, dados, números e situações que descreve", afirma José Vitor Lopes, advogado especializado em direito digital da Lopes&Philippi Advogados.

Para ele, a criação de fake news é motivada pelo desejo consciente de causar prejuízo a quem é objeto do conteúdo falso. "O prejuízo é a destruição de reputações com linchamentos morais e físicos, como

o caso da mulher amarrada, espancada e arrastada até a morte por um grupo de moradores do bairro Morrinhos, no Guarujá (SP), em 2014, após boatos de que seria sequestradora de crianças serem espalhados no Facebook".

Já Luciana Manfro, acredita que a motivação de uma fake news parte de duas possibilidades:

1) Motivação de empresas que são geradoras de conteúdo

falsos, que geram receita com este tipo de notícia. "São especializadas em propagar notícias falsas e recebem capital através de cliques de usuários que entram em seus sites/blogs", diz.

2) Motivação das próprias pessoas que não checam as fontes e acabam compartilhando as fake news, muitas vezes porque estes tipos de notícias são fabricadas com o propósito de sensacionalismo e gerar reações emocionais nos usuários.

Mas as fake news também são criadas como conteúdo caça cliques. "Podemos verificar a relação entre sites caça cliques e aplicações de Facebook que exigem dados e permissões, que são constantemente utilizadas para propagação de informações falsas e criminosas, sendo muito fácil converter tais redes em republicadores de fake news", alerta José Vitor.



Consumo de informações online

Dados da pesquisa realizada pela agência de checagem Aos Fatos

■ **43%** dos entrevistados disseram não confiar na maioria das vezes em notícias vindas de aplicativos de mensagem: **30%** disseram confiar apenas quando conhecem quem compartilhou.

■ **Metade** dos entrevistados admite já ter tomado decisões baseadas em informações falsas.

■ Entrevistados que se informam principalmente por **veículos alternativos** são menos propensos a admitir que já tomaram decisões baseadas em notícias falsas: mais de **80%** afirmam nunca ter caído em fake news.

■ Quem se informa por links em **redes sociais** ou mecanismos de busca diz o contrário: mais de **80%** já tomou decisões baseadas em notícias inverídicas.

■ Busca por audiência e ganhos políticos ou financeiros é a principal motivação para a existência das notícias falsas, segundo os entrevistados.

■ **Um terço** dos entrevistados nunca ou raramente questiona a veracidade de notícias nas redes sociais.

■ Entrevistados que se informam principalmente por veículos tradicionais afirmam ser mais críticos sobre a notícia consumida: **62%** alegam checar a informação. Por outro lado, quando a principal fonte são agregadores de conteúdo, apenas **35%** admitem fazer checagens próprias. Em redes sociais ou aplicativos de mensagem, o percentual é de **37%**.

■ A ausência de fontes e outras referências é apontada por **42,5%** dos respondentes como um dos principais sintomas de desinformação.

■ Sobre a origem de consumo de notícias online, **33,8%** e **33,4%** dos entrevistados responderam que fazem, respectivamente, diretamente em redes sociais ou aplicativos de mensagem e via pesquisa em mecanismos de busca.

■ **30%** dos entrevistados disseram confiar nas notícias vindas diretamente de redes sociais ou aplicativos de mensagem, dependendo de quem enviou ou publicou a informação.

■ A opção **Desconfio na maioria das vezes** aparece em segundo lugar com 24,1% das respostas.

FONTE: AOS FATOS
VEJA DADOS COMPLETOS EM
WWW.AOSFATOS.ORG

Temas e papel do público

O "Fla-Flu" político que domina as redes sociais desde 2013 também impulsionou o avanço das fake news. Por isso, não é de se estranhar que o tema predomina como o mais recorrente entre as notícias falsas que circulam nas redes sociais. Mas

isso pode variar em períodos em que há algum assunto na pauta do dia, como explica Gilmar Lopes, criador do site E-Farsas, especializado em verificar e desvendar boatos da internet.

Ele cita o surgimento de casos relacionados à doenças como Gripe Suína ou, mais recentemente, Febre Amarela, que servem de "gancho" para a criação de notícias falsas. Além disso, o comportamento do público também contribuiu para o fantasma da fake news seguir assombrando as redes sociais. "A diferença das fake news para o conteúdo de

sites de humor como Sensacionalista e Não Salvo é que esses canais humorísticos deixam claro que aquilo é uma brincadeira", conta. "Mas acontece que algumas pessoas copiam o texto, que a princípio era uma sátira, e o compartilham fora do contexto e aí nasce um boato digital".

O fato do público virar "meio" com a internet (com blog pessoal, perfil em rede social...), se colocando muitas vezes no mesmo patamar de veículos, contribuiu para a propagação de notícias falsas ou mal apuradas. "Contribui bastante porque alimenta uma confusão de papéis sociais", explica o professor do curso de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, Rogério Christofoletti.

Ele conta que até pouco tempo atrás se esperava que apenas jornalistas e meios profissionais tivessem a obrigação de confirmar as informações antes de passá-las adiante. "Gosto de pensar que antes da inter-

net com redes sociais e blogs, havia um balcão que separava quem produzia informação profissionalmente e quem as consumia", conta. "Com a internet e suas potencialidades, deram um pontapé nesse balcão e lá se foi a separação rígida entre produtores profissionais e amadores". E no caso dos amadores muitas vezes falta preparo profissional e comprometimento ou responsabilidade com a informação.

Para Christofoletti, as fake news ajudam a erodir a noção de verdade, e isso afeta sobretudo os sistemas de confiança e credibilidade. Na opinião dele, a desinformação gera confusão, que gera medo e insegurança, que gera descrédito, que gera comportamentos irracionais. "As fake news funcionam para minar as nossas (poucas) certezas, produzindo comportamentos de manada que quase sempre são de fuga desesperada ou de instinto de sobrevivência", atesta.

Na próxima reportagem da série, amanhã
COMO COMBATER AS FAKE NEWS

Diário Catarinense e A Notícia
Giro financeiro
"A doença de custos do policiamento"

A doença de custos do policiamento / João Rogério Sanson / Professor /
Economia / UFSC / Segurança Pública



MACROECONOMIA
JOÃO ROGÉRIO SANSON
PROFESSOR DE ECONOMIA DA UFSC

A doença de custos do policiamento

Segurança pública é um tema em evidência na mídia e deverá ocupar bom espaço nos debates eleitorais dos próximos meses. Mas é um serviço tendente a ficar cada vez mais caro e a agravar a crise fiscal. Uma explicação para os custos crescentes de serviços públicos está na dificuldade de criar inovações nas técnicas de sua produção.

Inovações diminuem custos. Porém, há diferentes ritmos de inovação e consequentes ritmos de ganhos de produtividade, que aparecem como redução de custos.

Os serviços públicos dependem mais de mão de obra em comparação com os bens do setor industrial e sofrem da chamada doença de custos, por terem menos possibilidades de inovações técnicas.

Ao se produzir bens industriais, há mais possibilidades de inovação, devido ao uso de técnicas que combinam mais equipamentos por pessoa, entre outras razões. Por conta de inovações frequentes nesses equipamentos, os ganhos de produtividade industrial são também frequentes.

A redução de custos de produção varia por tipo de bem. Se repassada aos consumidores por meio da concorrência de mercado, alguns bens industriais ficam relativamente mais baratos.

Serviços como a segurança pública usam mão de obra mais intensamente e seus custos evoluem em desvantagem na comparação com bens industriais, pois a aplicação de inovações redutoras de custos em tais serviços é limitada.

Mesmo assim, a qualidade e a produtividade do serviço de segurança pública avançam até certo ponto com a ajuda de técnicas atualizadas de gestão e de alguns equipamentos com tecnologia avançada. Exemplos desses equipamentos são câmeras de rua e drones. Há ainda novos métodos de gestão e novos sistemas de informação para prevenir e investigar crimes. Mas o uso intensivo de mão-de-obra especializada no policiamento é imprescindível.

Os salários, em geral, refletem as mudanças na renda média do país, empurrada pelo crescimento de atividades com maior produtividade por pessoa. Isso viabiliza salários alinhados com o valor de mercado da produtividade do trabalho.

Por sua vez, os salários do setor público são determinados pelo processo político. Em geral, não ficam muito acima dos salários de mercado. Contudo, acabam desalinhados com a menor produtividade por pessoa em seus serviços. Esse desalinhamento é reforçado pelo fato de que a oferta de policiamento não está sujeita à competição entre vendedores, como no setor privado, estimuladora de inovações.

Como seria inviável a cobrança individual de acordo com os benefícios recebidos, o serviço de policiamento tem provisão pública e sua produção fica fora dos efeitos da concorrência de mercado. No entanto, mais fatias de seu processo produtivo poderiam, talvez, ser privatizadas. Com isso, as sequelas da doença de custos, quem sabe, fossem menos graves, em especial durante as crises fiscais.

**INOVAÇÕES
DIMINUEM
CUSTOS. PORÉM,
HÁ DIFERENTES
RITMOS DE
INOVAÇÃO E
CONSEQUENTES
RITMOS DE
GANHOS DE
PRODUTIVIDADE**

Diário Catarinense e A Notícia

Renato Igor

“Não confio em parte do Judiciário”

‘Não confio em parte do Judiciário’ / Entrevista / Lédio Rosa de Andrade / Desembargador aposentado / PT / Partido dos Trabalhadores / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Suicídio / Ética

TERÇA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 2018

DIÁRIO CATARINENSE 8



RENATO IGOR

INTERINO
renato.igor@somosnsc.com.br

O colunista Moacir Pereira está em férias.

ENTREVISTA | **LÉDIO ROSA DE ANDRADE**

Desembargador aposentado

“Não confio em parte do Judiciário”



Nascido em Tubarão, aposentado no mês passado após 35 anos de magistratura, o ex-desembargador Lédio Rosa de Andrade, que ingressou sábado no PT, começou a vida partidária com discurso forte: criticou o juiz Sergio Moro, não escondeu os erros do PT e diz que a prioridade em Santa Catarina tem que ser a ética.

Por que o senhor se filiou ao Partido dos Trabalhadores?

Sempre tive uma veia política. Em 35 anos de magistratura sempre fiz política, nunca partidária, evidentemente. E quando pensava em me aposentar, por essas coisas da vida, aconteceu. Minha filha foi fazer uma cirurgia com o médico Ricardo Baratieri. Marcamos um café, conversamos sobre a cirurgia. Eu estava muito preocupado. Ele me tranquilizou e me convidou pra entrar no partido e concorrer a deputado. Logo depois o presidente Décio Lima me ligou, marcamos um jantar e decidi entrar. Eu sei da crise ética que todos partidos passam, e o PT também está envolvido, começando com a condenação do seu líder, que é o Lula.

Mas por que o PT?

A minha história não me leva a um partido de direita. A forma como penso economia e as relações sociais me apontam do centro pra esquerda. O PT foi o único que me convidou e desde o suicídio do meu amigo Luiz Carlos Cancellier venho fazendo uma discussão profunda dos absurdos que vêm ocorrendo dentro do Judiciário. Lá existe gente muito boa, mas existem juizes que estão destruindo o estado democrático de direito

e usando politicamente o Judiciário em benefício próprio, de causas que a gente nem sabe quais são. Hoje, vejo muita gente falar que o Brasil está radicalizado contra Lula e a favor de Lula. Sobre a condenação do Lula, vejo pouca gente ler o processo e ver se tem prova suficiente para condená-lo. A leitura que eu faço é que esse processo está nesse rolo compressor dessa ala do Judiciário e MP e polícia que não respeita os princípios constitucionais. E todos nós, que hoje aplaudimos uma condenação apressada, iremos nos arrepender. Não há nada pior do que um país em que o direito não respeita as pessoas. Eu ponderei muito, decidi aceitar. Porque se eu não fizer política, alguém fará. Então eu tenho que fazer junto, não posso me omitir.

O senhor será candidato ao governo?

O PT me convidou pra ser candidato a governador. Eu disse que quero entrar pra fazer algo diferente. Se eu entro na política discutindo cargo, eu já entro fazendo igual a todos. Não quero entrar no PT pra receber um cargo. Vou começar a me movimentar, participar de reuniões. Vou conversar e vou deixar essa discussão para

um segundo momento. Se for para ser governador será, se for para senador, será, se não for para nada, tudo bem. Eu quero construir algo. Não sei se os militantes do PT querem. Será que há espaço para mim nessa política do jeito que eu penso? Eu quero ver isso primeiro para depois decidir.

O PT não fez exatamente aquilo que sempre criticou? As alianças, a corrupção, tesoureiros presos. O PT não se afastou de suas origens?

Estou entrando para fazer uma política diferente. Não quero fazer política desse tipo. O PT fez muita coisa errada. Mas também, pra quem analisa com calma e racionalidade, principalmente nos dois governos Lula, houve avanço social impressionante. E diminuição da pobreza. Nem tudo está certo e nem errado. Houve grandes erros, que eu não faria nunca. Entro dizendo que esse tipo de aliança eu não faço. A corrupção, não é questão de defender o PT porque fizeram coisa errada, mas saiu o ranking dos partidos em corrupção por parlamentar. O maior não é o PT. Na Petrolbras, a maioria dos cargos era do PMDB - o que não justifica o que o PT fez. O que não entendo é porque se crucifica só o PT como “o corrupto” e os outros não? No Brasil, só não está envolvido com corrupção o partido que ainda não esteve no poder. A corrupção é um fenômeno nacional, não um fenômeno partidário do PT e que tem que ser combatido com muita força.

O PT deveria afastar quem foi condenado?

Essa é uma questão do conselho de ética, que não conheço, as normativas internas de como funciona. Creio que precisa diferenciar várias coisas; no caso de Lula, o PT tem certeza de que é condenação política injusta. Se acham isso, afastar uma pessoa seria colaborar com a perseguição política. Se você me pergunta se é possível desembargadores e o juiz Sergio Moro condenarem injustamente? Eu respondo: é possível. Agora temos que ver o que o STJ vai dizer.

O ex-presidente Lula, no mínimo, não teve uma relação promíscua com empreiteiros que possuíam contratos com o governo? No caso do sítio e do apartamento do Guarujá, com envolvimento direto de engenheiros destas companhias?

Não posso responder porque não vi as provas. Se elas existem eu preciso ver e elas me convencerem de que é um fato concreto ou fato inventado. Eu respeito presunção de inocência. Eu, como jurista de 35 anos, preciso estar muito convencido de que qualquer pessoa, mais simples ou mais importante, está em situação demonstrada de culpabilidade ou inocência. Se não fizer isso estou destruindo o estado democrático de direito. Não se brinca com isso.

O senhor fala em referência ao uso do sítio, reforma feita pela empreiteira e a reforma feita pelo engenheiro da empreiteira

que tem negócios com o governo e no caso do apartamento do Guarujá?

Eu sou desembargador, jogo xadrez. Todo ano vou aos Jogos Abertos e fico em algum lugar. Neste ano, por exemplo, um colega desembargador falou com um empresário amigo dele, que me emprestou um sítio. Fiquei uma semana. Não conhecia o empresário, não sei quem é. Não sei se é corrupto ou não. Fui na confiança do meu amigo. Se esse empresário estiver envolvido com a Lava-Jato eu também estou? Me fotografaram, saiu no jornal que eu estava lá. E daí? Eu preciso ver isso aí. Não sou advogado do Lula, mas numa parte do Judiciário eu não confio.

Qual a prioridade em SC?

Ética, fazer com que o dinheiro público seja aplicado em obras públicas, priorizando educação e saúde. Segurança, que as pessoas colocam como primeiro grande problema, isso é uma consequência. Estamos num momento de insegurança porque nossa juventude não tem escola, trabalho, nossas crianças não têm o que fazer. Claro, como estamos num momento extremo, não pode negligenciar polícia, prisões. Mas nenhum país do mundo resolve problema de violência criando prisões e contratando policiais. Em países sem criminalidade as prisões estão fechando, são os casos da Suécia e da Noruega - porque aplicaram em educação, saúde e isso trouxe trabalho para a maioria. Aí o crime passa a ser exceção.

Notícias do Dia Cidade

“Comunidade escolhe 13º reitor”

Comunidade escolhe 13º reitor / Consulta pública / UFSC / Morte / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Edson Roberto De Pieri / CTC / Centro Tecnológico / Irineu Manoel de Souza / CSE / Centro Sócio-Econômico / Ubaldo Cesar Balthazar / CCJ / Centro de Ciências Jurídicas / Reitor pro tempore / Lista tríplice / Ministério da Educação / MEC



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Campus Pampulha abriga conferência em defesa da universidade pública e da democracia](#)

[Conciliação de horários entre trabalho e estudos](#)

[Estamos em avançado estado de barbárie, diz Ailton Krenak sobre descaso com a água](#)

[Plano estratégico SC quer fazer expansão sustentável](#)

[Soltura Experimental de Peixes é realizada no Lago da Usina Machadinho](#)

[Seminário abordará o futuro dos oceanos na Volvo Ocean Race](#)

[Realizada a soltura experimental de peixes no Lago da Usina Machadinho](#)

[Soltura Experimental de Peixes acontece no Lago da Usina Machadinho](#)

[Soltura Experimental de Peixes acontece no Lago da Usina Machadinho](#)

[Plano com ações para o desenvolvimento de santa catarina nos próximos 12 anos é apresentado ao governador](#)

[Governador conhece Plano Santa Catarina 2030](#)

[Plano com ações para o desenvolvimento de Santa Catarina nos próximos 12 anos é apresentado ao governador](#)

[Folha de S.Paulo - Cotidiano - Procuradoria pede prorrogação de inquérito sobre questão da UFSC](#)

[Em Itajaí, ONU pede fim da poluição plástica durante maior regata à vela do mundo](#)

[Professores da UEM são punidos com repreensão e suspensão por assédio sexual](#)

[10 Universidades federais que oferecem cursos EAD grátis](#)

[Plano com ações para o desenvolvimento de Santa Catarina nos próximos 12 anos é apresentado ao governador](#)

[TCU permite retorno de professores afastados da UFSC por suspeitas](#)